



Galinhas de Capoeira no Projeto Dom Távora: uma perspectiva inovadora na extensão rural, em respeito à reprodução social do núcleo familiar camponês, à biodiversidade e à questão de gênero

NAKABAYASHI, Daniel¹

¹PNUD/SEAGRI-SE/FIDA, danielnakabayashi@yahoo.com.br

Eixo temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais.

Resumo: O Projeto Dom Távora é executado pela Seagri-SE, com o financiamento do FIDA e apoio do PNUD, para a remissão da pobreza rural por meio de investimentos produtivos junto à população rural de 15 (quinze) municípios sergipanos. São 132 (cento e trinta e duas) comunidades contempladas, das quais 45 (quarenta e cinco) deliberaram pelo investimento coletivo em avicultura caipira. O projeto é organizado em 04 (quatro) escritórios regionais compostos por extensionistas rurais da EMDAGRO (Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe) e do PNUD, contratados para prestar assistência técnica aos beneficiários do Projeto. Há um consultor contratado para a atividade de avicultura/galinha caipira, que orienta as equipes técnicas. Cada família recebe uma infraestrutura para a guarda das aves, as próprias aves, e ração para aves, decidida pelos mesmos. O que exporemos aqui é a inovação proposta para toda a concepção de política pública de investimento em avicultura para a agricultura familiar.

Palavras-chave: Avicultura; Políticas Públicas; Inovação.

Contexto

Em 2015, segundo o extinto MDA, mais de 80% dos e das agricultores e agricultoras familiares criavam galinhas caipiras. As mesmas, são as principais responsáveis pela fonte de proteína no núcleo familiar camponês. Neste mesmo ano, mais de 53% das famílias camponesas obtinham algum tipo de renda com a criação de galinhas.

O fomento da avicultura como atividade produtiva geradora de trabalho e renda no campo reproduz modelos tecnológicos para a criação em larga escala, altamente tecnificada. O pacote tecnológico envolve: 1. alimentação, com culturas vegetais estranhas ao bioma e à cultura de plantio locais, além do uso de probióticos sintetizados, ignorando a formulação de rações com variedades da diversidade do ambiente; 2. cronograma de sanidade, com abuso de antibióticos e anticoccidianos, ligados diretamente a maior incidência de problemas hepáticos e ignorando a flora e os saberes populares locais; e, 3. linhagens genéticas híbridas com alta produtividade, o que gera a dizimação de ecótipos historicamente adaptados ao ambiente local; 4. mais de 80% das beneficiárias do Projeto Dom Távora com a atividade de avicultura caipira são mulheres, o que denota à política pública atenção à questão de gênero.



Há uma amplitude de crescimento de vasto nicho de mercado ainda não explorado (0,5% da produção nacional de pintos de 01 dia e perspectiva de crescimento de 25% em 2017), dominado por grandes empresas francesas e norte-americanas que, patentearam linhagens híbridas com rusticidade e fenótipo idêntico à raças históricas, parecendo-se e misturando-se às galinhas dos terreiros da agricultura camponesa, chamando-as de “caipiras”. Tais linhagens têm exigência alimentar padronizada, de alto custo; menor resistência à doenças; e, têm baixa fertilidade. As linhagens híbridas podem transformar políticas públicas de fomento à agricultura familiar em potencial dizimador da biodiversidade de ecótipos secularmente constituídos.

A realidade da agricultura camponesa exige que políticas públicas tenham atenção a sua especificidade.

A proposta do Projeto Dom Távora, projeto financiado e pelo FIDA e apoiado pelo PNUD abrange 45 comunidades rurais, espalhadas em até 15 municípios sergipanos e abrangendo mais de 500 famílias camponesas. A demanda pelas atividades produtivas é decidida pela comunidade, que deve desenvolver o projeto de forma coletiva. No entanto, a reprodução do modelo de “sucesso” da avicultura convencional é um “mito” a ser superado, o que nos levou ao convencimento de 20% das comunidades para o desenvolvimento de uma proposta metodológica inovadora. São mais de 160 famílias, cujo início das atividades se deu em julho de 2018 com previsão de conclusão em setembro de 2019. Com o objetivo de estabelecer uma perspectiva de fomento à avicultura na agricultura camponesa condizente com sua realidade, cada família teve investimento de até R\$5.600,00, que inclui infraestrutura, até 100 pintainhas por família, equipamentos e ração e, estruturas coletivas como chocadeiras, galpões e maquinários.

Descrição da Experiência

Ao observar as experiências em construções e alimentação para aves de ecótipos patenteados, do Piauí e Maranhão, na Universidade Estadual do Piauí; de alimentação alternativa e manejo da propriedade policultural junto à EMBRAPA (com as experiências na utilização de dietas à base de mandioca, feijão guandú e moringa); do INCAPER (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural) e do próprio cotidiano das famílias beneficiárias do Projeto Dom Távora, desenvolvemos uma proposta metodológica baseada em preceitos agroecológicos na reprodução do ciclo social da criação de aves de capoeira, transversal às outras atividades já desenvolvidas na propriedade.

A partir dessas experiências concebeu-se uma proposta metodológica baseada em três eixos:

1. infraestrutura: os aviários tradicionais, que dominam o imaginário popular, se remete à reprodução de um padrão de granjas de grande escala e altamente tecnificadas, com acompanhamento de desempenho automatizado. A discussão com as famílias, cuja decisão final é tomada por assembleia, é sobre o cotidiano



familiar e os instrumentos e equipamentos necessários para impedir a proliferação de bactérias. Na grande maioria dos quintais com criação de galinhas caipiras não há higienização diária de bebedouros, comedouros e demais instalações, seja pelo número pequeno de animais, seja pela resiliência à doenças daqueles animais já adaptados ao ambiente. Portanto, as novas instalações deveriam observar esta limitação. A proposta inspirada na experiência observada na UESPI elimina instalações de alvenaria, locais propícios para a proliferação de bactérias. No entanto, adotamos pilares com material reconhecidamente resistente pelas comunidades locais, a maçanduba (com Documento de Origem Florestal) para, simbolicamente, atestar no subconsciente coletivo a validade da proposta. A altura da cobertura pode variar de 1,80m à 2,40m, a depender do material das telhas e da declividade do terreno. A área dos aviários, a depender da comunidade, varia de 20m à 30m². Assim como na experiência observada na UESPI, foram disponibilizados blocos cerâmicos de 19x24x14cm, encaixados em parte do piso, sem a utilização de cimento. O piso se torna de fácil higienização e manutenção. Algumas comunidades ainda receberam tábuas de pinho para a confecção de ninhos. Também foram apresentadas as propostas de piquetes rotacionados. A maior parte das propriedades têm plantios permanentes de palma e bancos de proteína e culturas sazonais como milho, feijão e mandioca. Alguns projetos, de determinadas regiões, dado o limite orçamentário, obtiveram 50m de tela de aviário de 2”(1,5m) por família e 17 estacas de sabiá e, outras comunidades receberam até 150m de tela. Para as famílias com até 50m de tela apresentamos a proposta de 02 piquetes, o primeiro de 10 x 10m e o segundo de 6 x 2m. O primeiro piquete compreende a área para as galinhas de postura, para a comercialização de ovos. O segundo piquete, menor, para o manejo reprodutivo.

Para as famílias com até 150m de tela, propomos o desenho de três piquetes produtivos de 12,5 x 12,5m (a depender da área disponível e do aproveitamento, se sequencial) e o piquete menor, de 6 x 2m, para o manejo reprodutivo. Uma galinha ara em média uma área de até 0,30m²/dia, o que equivale, a contar apenas sua fase adulta, a 144 m²/ciclo/galinha. Para evitar ou minimizar o impacto sobre o solo e a extrema aridez do piquete as famílias são orientadas a não extrair a vegetação primária, que também serve de alimentação para insetos, ricos em proteína. O objetivo é que o “mato” tenha uma altura máxima de 1m, para que se possa visualizar o chão. Isso também traz conforto térmico para as aves, diminuindo o consumo de água e alimento, além de primar pelo bem estar animal.



Imagem 01. aviários no piquete.



Imagem 02. instalação de aviário e caixa d'água.

2. Manejo alimentar: a cultura alimentar dada a aves segue um modelo pré-concebido calcado no milho e, quando muito, na soja. A mandioca, antes presente em quase toda unidade familiar camponesa, vem perdendo espaço. Nos municípios de abrangência do projeto Dom Távora, apenas a região norte, litorânea e mais pobre, permanece com o plantio da cultura nos quintais dos pequenos agricultores, nos demais municípios a cultura do milho híbrido e transgênico já é uma epidemia. Muitas casas de farinha estão fechadas e, mesmo as regiões produtoras de feijão têm se descaracterizado. Outros saberes como a utilização da flora da caatinga para alimentação animal, além da mandioca e do feijão guandú, são dificilmente utilizadas para a alimentação de aves. Soma-se ao abandono de culturas genuínas do bioma caatinga e tradicionais da cultura camponesa, a oscilação dos preços do milho (em grão, saco 50kg). Nos municípios de abrangência do projeto os preços foram de R\$28,00, em dezembro de 2017, à R\$55,00, em maio de 2019, uma variação de mais de 96%. A soja (farelo, saco 50kg), neste mesmo período, foi de R\$60,00 à R\$95,00, variando 58%.

Para a desconstrução intersubjetiva da dependência do milho/soja, outras propostas de formulações com custo econômico bastante reduzido foram apresentadas e confeccionadas com as comunidades, com a utilização da folha da moringa, a folha e raiz da mandioca, folha de gliricídia e leucena, quirela de arroz, concha de massunim e sururú (mariscos), farelo de coco, feijão guandú e variedades de milho crioulo. São 05 unidades demonstrativas de variedades vegetais voltadas à alimentação das aves, o que se difere dos bancos de proteína voltados à ruminantes, nos municípios de Poço Verde e Aquidabã.

Observando as características de cada região, a região litorânea (Território do Baixo São Francisco) que abrange 07 municípios inseridos no Projeto Dom Távora, por exemplo, teve formulações onde o arroz, fonte de energia amplamente plantada na região; o coco, fonte de proteína; e, a concha de massunim e sururú, fonte de cálcio e proteína (restos dos mariscos que ficam presos na casca) foram adotadas,



integrando-se à dieta baseada na folha e na raiz da mandioca, visto que a região é a maior produtora do Estado de Sergipe.

Neste interstício, entre a aquisição das pintainhas e a colheita dos alimentos plantados, as comunidades foram orientadas a comprar ração pronta, comercial, com recursos do projeto, capaz de suprir as necessidades das pintainhas. Uma questão suscitada, também, é o desconhecimento sobre as necessidades nutricionais de cada finalidade, se postura ou corte. Muitas comunidades adquiriram ração para corte, uma alimentação baseada em energia, diferente da necessidade proteica das aves de postura.



Imagem 03. Dia de Campo Unidade Demonstrativa de Aquidabã.



Imagem 04. Oficina manejo alimentar.

3. Soberania Genética: trazidas pelos portugueses a mais de 500 anos (com exceção da galinha Araucana, que pode ter surgido nos Andes), raças trazidas da Ásia e da Europa ao se soltarem nas matas Atlântica e da Caatinga constituíram seu próprio processo de adaptação histórica, chegando nos fenótipos variados que encontramos nos quintais das unidades familiares camponesas, chamadas no Brasil de “Galinhas Caipiras”. No entanto, em Sergipe, essas mesmas aves são denominadas de “Galinhas de Capoeira”, sendo rapidamente incorporado o termo “caipira”, dada a venda de pintainhas denominadas “pinto caipira para postura” ou “caipirão vermelhão pesadão”, para corte, nos comércios agrícolas das cidades do interior. A alta produtividade de ovos, chegando a 280 ovos/ano e até 70 dias para o corte do “caipirão”, foram um grande atrativo para os agricultores familiares. Visualmente parecidos com as aves de seus terreiros, esses pintos foram introduzidos e misturados as aves seculares, sem nenhum alarde. A questão política não debatida e informada aos agricultores é que essas novas pintainhas são híbridas e, portanto, de baixa ou nenhuma capacidade de reprodução. Mais de 90% das famílias do Projeto Dom Távora teve seus rebanhos contaminados e dizimados seus ecótipos seculares, causando, para além da conservação, a perda de autonomia reprodutiva de seus rebanhos e, portanto, de sua soberania.



Como não há como realizar a análise genética no Estado de Sergipe e, não há criadores de galinhas originais em escala, o projeto se submeteu a compra de pintainhas “caipiras” híbridas. São mais de 50 mil em todo o Estado.

A opção do projeto foi minimizar os efeitos da possível dizimação, criando piquetes paralelos para a reprodução de aves originais de “Capoeira”, empregando didaticamente a diferenciação entre os termos para que o debate fosse assimilado pelas famílias. O termo Caipira se refere às aves híbridas e o termo Capoeira, às aves originais. As famílias também são orientadas a separar fisicamente os dois tipos de aves, para que não haja cruzamento genético.

Resultados

Como resultado da proposta metodológica apresentada e executada para uma política pública de remissão da pobreza rural como o Projeto Dom Távora observamos o pioneirismo da iniciativa em definir padrões baseados em parâmetros que consideram a mulher camponesa como protagonista da atividade de avicultura, os hábitos da unidade familiar camponesa e a soberania do ciclo reprodutivo das culturas produtivas camponesas, estabelecendo a transversalidade da criação de galinhas de capoeira com as demais atividades da propriedade.

Desmistificamos a dependência do pacote alimentar comercial, descaracterizando formulações impostas pelo mercado e adotando variedades vegetais locais.

Informamos e formamos as famílias beneficiárias do projeto sobre os limites da criação de aves híbridas e o como isso pode afetar a autonomia de suas famílias.

A proposta metodológica já resultou, também, na elaboração de uma cartilha formativa intitulada “Criação de Galinhas e Frangos de Capoeira”, à disposição gratuitamente no: <https://emdagro.se.gov.br/wp-content/uploads/2018/10/CRIAÇÃO-DE-GALINHAS.pdf> .